

Serra arrecada muito com ICM e faz poucas obras

Falência. É o que anuncia a Prefeitura de Vila Velha. Enquanto isto, a Prefeitura da Serra, que arrecada o maior volume de ICM no Estado, realiza poucas obras, segundo denúncias de líderes da comunidade. Os Executivos são acusados de não cumprirem as obras previstas para o orçamento de 87; de administrar mal as verbas e de não possuírem transparência administrativa. Das duas prefeituras, a que está em pior situação é a de Vila Velha, que, segundo assessores do prefeito Carlos Malta, encontra-se à beira da falência, por falta de recursos. A da Serra, que tem o maior volume do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) entre todas as prefeituras do Espírito Santo, alega que no primeiro semestre deste ano teve uma queda na arrecadação da ordem de Cz\$ 23 milhões.

Os reflexos da situação podem ser facilmente detectados em diversos bairros dos municípios serrano e vila-velhense, bem como nos serviços oferecidos à população. Na Serra, com exceção da sede, dos conjuntos habitacionais construídos com recursos federais, e do balneário de Nova Almeida, o que se vê são bairros abandonados, sem calçamento, sem redes de esgotos e com um precário serviço, tanto na área da saúde, como educação. Em Vila Velha, o sistema municipal de transportes coletivos foi desativado na semana passada, dada as péssimas condições dos ônibus. Os postos médicos estão praticamente sem condições de funcionar por falta de material, e a coleta de lixo pode parar a qualquer momento, já que os caminhões estão em precário estado de conservação, sem manutenção e carecendo de pneus e peças de reposição. A situação



Os detritos se acumulam nas ruas dos bairros de Vila Velha, enquanto a Prefeitura afirma que sua situação não é fácil



Fotos de Chico Guedes

Em Vila Velha, falência à vista

De um lado, a Prefeitura de Vila Velha, através de seus principais assessores, diz que está praticamente falida. Do outro, o Conselho Comunitário de Vila Velha, **Vanda: críticas à política** por intermédio do seu presidente, Alexandre Pena dos Santos, afirma que a situação está caótica porque não há um controle administrativo e porque a PMVV priorizou obras não previstas no orçamento elaborado com a comunidade, e deixou de fazer aquelas que a população priorizou. O certo é que a situação chegou a tal ponto que a Prefeitura teve que pedir autorização à Câmara Municipal para empréstimo de Cz\$ 50 milhões, visando o pagamento do funcionalismo em atraso desde maio passado.

Para Alexandre Pena um fato é evidente, na administração do prefeito Carlos Malta. "As obras discutidas pela comunidade, durante a elaboração do orçamento de 1987, não foram integralmente realizadas. Várias delas deixaram de ser feitas e foram realizadas outras não-previstas".

Na opinião do presidente do Conselho Comunitário, a atual administração "é caótica e confusa. Não é preciso ser entendido em administração, para saber que temos que realizar obras de acordo com aquilo que dispomos em caixa. Se não há um controle orçamentário, a tendência é tornar a administração confusa e caótica, como a que vemos, atualmente, em Vila Velha". Alexandre Pena citou, como exemplo, a retirada de circulação dos ônibus da PMVV. "Ao olharmos o orçamento, vemos que não existe nada especificamente para a manutenção e conservação dos veículos. Tudo está incluído genericamente no item sobre transportes urbanos. Por isso o transporte coletivo acabou prejudicado, pois não havia uma previsão orçamentária que garantisse a revisão e manutenção dos coletivos", afirmou o presidente do Conselho Comunitário de Vila Velha.

Ele questionou o discurso de falta de recursos feito pela administração municipal. "Eu mesmo não seria capaz de fazer tal afirmação, pois hoje, há uma grande contradição na Prefeitura. Há, no nosso entendimento, problemas de finanças e a situação tende a se agravar, pois a prefeitura



coleta de lixo pode parar a qualquer momento, já que os caminhões estão em precário estado de conservação, sem manutenção e carecendo de pneus e peças de reposição. A situação em Vila Velha é tão crítica que, na última sexta-feira, a Secretaria Municipal de Obras não dispunha de um saco de cimento.

Não há transparência administrativa na Prefeitura da Serra. A denúncia é feita pela presidente da Federação das Associações de Moradores da Serra, Brice Bragatto, e apoiada pelos diretores da entidade, Pedro Bussinger e Vanda Valadão. Segundo os três, a Prefeitura dispõe de recursos, mas a grande maioria das obras realizadas está sendo feita com recursos federais. "A Prefeitura fica com o ganho político, enquanto o Governo federal arca com os custos. Já em relação às verbas municipais pouco sabemos a respeito do seu emprego, já que não há transparência na administração do prefeito João Batista Motta", afirma Brice Bragatto.

O município da Serra, hoje com aproximadamente 140 mil habitantes e uma arrecadação em ICM da ordem de Cz\$ 15 a Cz\$ 20 milhões mensais, pode facilmente ser dividido em quatro áreas. A primeira e seguramente a maior em termos físicos e habitacionais é a dos conjuntos habitacionais, todos construídos com recursos federais; a segunda é a dos balneários, que vão desde Carapebus até Nova Almeida, passando por Manguinhos e Jacaraípe; a terceira é a sede do município, com ruas calçadas e arborizadas e dotada de infra-estrutura; e a quarta e pior das áreas é a dos loteamentos e invasões, onde a infra-estrutura é das mais precárias e onde praticamente não são vistas obras da Prefeitura da Serra. Nesses locais, residem as populações mais carentes do município.

Saúde

Para a Federação das Associações de Moradores da Serra, a administração do prefeito João Batista Motta prima pelo descumprimento das promessas feitas durante a campanha eleitoral de 1982. Segundo a dirigente da entidade, Vanda Valadão, na área da saúde, o que foi realizado, foi feito com recursos das Ações Integradas de Saúde. "O pronto-socorro municipal atende em condições precárias. Do montante orçamentário para o setor saúde, muito pouco foi gasto. Até março último, a Prefeitura havia utilizado apenas Cz\$ 200 mil". Ainda no que diz respeito à saúde, a Federação afirma que a administração prioriza as consultas médicas nos ambulatórios da rede municipal, pois esta é a melhor forma de arrecadar recursos junto à Previdência social. "O município não dispõe de um trabalho de vigilância sanitária; não é feita medicina preventiva e, conseqüentemente, não há um controle das doenças, na Serra. O que há é uma política de produtividade, em termos de consultas ambulatoriais, que geram recursos da Previdência", afirmou Vanda Valadão.

Já a presidente da Federação, Brice Bragatto, acusa o prefeito de dar um tratamen-



Em loteamentos e invasões como Sossego, Serra, a total falta de infra-estrutura é um dos maiores problemas da comunidade

to especial para o balneário de Nova Almeida, e para a sede do município. "Em Nova Almeida, ele fez tudo com recursos da Prefeitura. A peixaria, a ponte, o aterro e a arborização. Lá, é bom lembrar, é o reduto eleitoral do prefeito. Na sede a mesma coisa. Enquanto isso, diversos conjuntos habitacionais estão abandonados. Em Feu Rosa e Manoel Plaza, a pavimentação das ruas não tem manutenção, e André Carloni, até hoje, não foi pavimentado", afirma Bragatto.

Urbanização

Ela denuncia também que em Sossego, a urbanização do bairro foi abandonada. "A Prefeitura anunciou obras de urbanização e de infra-estrutura. Pois bem: quem for lá hoje, não vai encontrar obra alguma, pois foi tudo paralisado". De acordo com a presidente da Federação, a Serra dispõe de recursos para melhorar as condições de diversos bairros do município, mas ninguém sabe onde está sendo aplicado o dinheiro. "A Prefeitura tem a maior parcela do ICM repartido entre as prefeituras do Espírito Santo, mas nós não sabemos para onde vão os

recursos. Obras nós não vemos e a administração dos recursos é uma incógnita", lembra Brice Bragatto.

O diretor Pedro Bussinger alertou para outro aspecto importante na Serra: a questão da ecologia. "Não temos sentido, até agora, preocupação da Prefeitura em relação à ecologia e ao meio ambiente. Não há qualquer iniciativa neste sentido. A Serra possui duas importantes lagoas — Jacunem e Jacaraípe — de onde sai a água que abastece o município, mas nada é feito para preservar os dois mananciais. A Tercon está se instalando a duas quadras do hospital de Carapina, que já tem, nas suas imediações, uma fábrica de cimento e uma empresa que trabalha com gás liquefeito de petróleo. A tendência, caso persista o imobilismo, é termos, em breve, uma serra inabitável, dada à quantidade de indústrias que estão se instalando no município".

Por fim, ele lembrou que em relação ao orçamento municipal, o prefeito Motta se comprometeu com a Federação, no dia 14 de junho passado, a enviar para a Câmara um projeto de participação popular, mas, que até agora, nada foi concretizado. "O que vemos é que o prefeito procura atuar



Pimentel: cautelosa com ICM. Manta vê quadro difícil. Brice: "tudo paralisado"



A coleta de lixo pode até parar, em Vila Velha, devido à falta de caminhões

diretamente nos movimentos sociais, cooperando lideranças e interferindo em processos de disputas pela direção de entidades. Com isto, ele procura ampliar seu espaço político e assegurar o seu poder dentro do município, a qualquer custo".

Equilíbrio

Negando que a Prefeitura da Serra esteja nadando em dinheiro o secretário municipal de Finanças, Luiz Carlos Pimentel, informou que hoje, o município tem uma situação de equilíbrio orçamentário. "A receita que temos dá para os gastos da Prefeitura, sem incluirmos aí as despesas com a Previdência Social. Mas não estamos nadando em dinheiro, como andam falando", afirma o secretário.

Segundo ele a Prefeitura recebe, entre Cz\$ 15 a Cz\$ 20 milhões mensais do ICM. "Realmente, a Serra é a mais aquinhoadada, mas é também a que mais arrecada. Também não podemos nos esquecer que, com a entrada do ICM da CST no bolo da arrecadação, a situação melhorou, e isto tem nos ajudado a crescer". Em relação à folha de pagamento, Pimentel informou que hoje, incluindo os encargos sociais, ela chega aos Cz\$ 21 milhões.

Mas, mesmo tendo a melhor arrecadação, de acordo com o secretário de Finanças, ainda há uma defasagem em relação ao orçamento previsto para 1987. A previsão orçamentária, segundo Luiz Carlos Pimentel, é da ordem de Cz\$ 440 milhões, e o saldo do primeiro semestre apresentou um déficit de Cz\$ 23 milhões, que ele espera recuperar no segundo semestre. "Esperamos que com o Plano Bresser, esta situação seja revertida e cheguemos ao final do ano com um superavit de Cz\$ 30 a Cz\$ 40 milhões", lembrou o secretário.

O secretário acentuou ainda que a Serra foi prejudicada durante muitos anos e sofreu com a implantação dos projetos industriais. "Tivemos um grande crescimento populacional e, conseqüentemente, o agravamento da situação social. Agora, quando essas indústrias começam a gerar recursos e empregos, no município, a tendência é revertermos esse quadro. Ainda temos diversos bairros com problemas de infra-estrutura, saneamento e saúde, mas que começaram a ser corrigidos, pois a maior parte dos recursos é destinada para esses núcleos. Atualmente, estamos adequando nossa receita aos problemas existentes".

O orçamento da Prefeitura da Serra foi dividido da seguinte forma: A Secretaria da Educação ficou com 25,67%; as secretarias de Obras e Serviço Público, com 32,91%; a de Saúde e Ação social, com 12,92%; Área administrativa e Gabinete do Prefeito, com 18,70%, a Câmara Municipal, com 3,41%; e os encargos sociais, com 6,37%.

Ele questionou o discurso de falta de recursos feito pela administração municipal. "Eu mesmo não seria capaz de fazer tal afirmação, pois hoje, há uma grande contradição na Prefeitura. Há, no nosso entendimento, problemas de finanças e a situação tende a se agravar, pois o prefeito pediu, e a Câmara autorizou, um empréstimo de Cz\$ 50 milhões para pagar o funcionalismo. E agora nós perguntamos: como, quando e em que condições este empréstimo será pago?"

Para esclarecer estas e outras situações, bem como o real estado financeiro da PMVV, o Conselho Comunitário realizará, com o prefeito Carlos Malta, uma assembleia extraordinária, no dia 25. "Pretendemos esclarecer a situação. Antes, porém, no dia 21, o Conselho se reúne para traçar a sua posição ante a situação do município e qual a postura adotada na reunião do dia 25, com o prefeito. De qualquer forma, vamos querer tudo bem explicado e esclarecido e os motivos da atual situação financeira da PMVV", disse Alexandre.

Entre os assessores do prefeito Carlos Malta, a única coisa que se ouve é que a Prefeitura de Vila Velha está à beira da falência. "O dinheiro já acabou", afirma o assessor de comunicação social, José Carlos Siqueira Júnior, acrescentando que somente na semana passada, pagou-se o salário dos servidores, referente ao mês de maio. Segundo ele, o prefeito Carlos Malta só administra problemas, e que a culpa maior pelo atual estágio de crise na PMVV é o governo federal, que não repassa os recursos necessários para o município. "Falar em municipalização é fácil. O que o Governo não faz é dar condições para o município andar com suas próprias pernas". Siqueira diz que Vila Velha tem a maior população, por município, do Espírito Santo, cerca de 330 mil habitantes, mas é o sétimo na arrecadação do ICM.

Já o secretário municipal de Saúde, Jorge Manta, informou que os recursos das Ações Integradas de Saúde, que Vila Velha teria direito, estão sendo retidos, em função da dívida da PMVV com a Previdência Social. "A Prefeitura deve, aos cofres da Previdência, aproximadamente Cz\$ 113 milhões. Em decorrência da dívida, estamos deixando de receber, mensalmente, Cz\$ 12 milhões das Ações Integradas".

A situação, segundo ele, é tão crítica que vários postos de saúde estão a ponto de fechar, por falta de material básico. "Estamos sem gaze, esparadrapo, mercurocromo, algodão e álcool. Como um posto de saúde pode funcionar nestas condições? No atendimento odontológico a situação é idêntica. Se não tivermos recursos, em pouco tempo estaremos fechando postos de saúde", assinalou o secretário Jorge Manta.

O diretor da Secretaria de Obras, Romulo Costa Filho, apresentou um quadro ainda pior. Segundo ele, esta semana, a sua secretaria não dispunha nem de um saco de cimento para realizar obras. "Estamos tocando as obras com aquilo que temos, no almoxarifado. Hoje, não temos um saco de cimento. O que temos realizado é com o apoio da comunidade, que dá o material e nós damos a mão-de-obra. O quadro, realmente, não é nada animador, e se não houver um repasse de verbas para Vila Velha, em breve tudo estará parado".